

“Agosto em festa se enfeita”: religiosidade, práticas devocionais e representações simbólicas no Festejo de São Bernardo – MA

Ronilson de Oliveira Sousa
Elenir Rocha Pinto
Clodomir Cordeiro de Matos Júnior

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo explorar a importância e o significado dos Festejos do Mastro da Bandeira em São Bernardo, Maranhão, para a tessitura das memórias locais, pertencimentos e laços sociais no município. Realizada anualmente durante dez dias do mês de agosto, essa tradicional manifestação religiosa do Baixo Parnaíba Maranhense constitui-se como um catalisador referencial não apenas para questões relacionadas ao patrimônio cultural e religioso na cidade, mas também para o agenciamento dos arranjos sociais, culturais e políticos da região. O artigo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa documental e trabalho de campo, sobretudo através da realização de entrevistas semiestruturadas e observações de cunho etnográfico, e buscou, por um lado, identificar e compreender os ritos e práticas de devoção que permeiam e dão forma aos festejos do padroeiro, e, por outro, refletir sobre os significados dos repertórios simbólicos e materiais da festa religiosa para a reprodução das experiências populares do sagrado e para a tessitura dos pertencimentos sociais e da memória local.

Palavras-chave: Festividade. Memória. Devoção. São Bernardo. Maranhão.

1 Introdução

As cidades brasileiras, especialmente as do interior do Nordeste, vêm passando por transformações significativas a partir de um processo de expansão territorial de práticas agrícolas que buscam, ao menos no discurso, integrar essas regiões do país às dinâmicas da economia nacional e global. A expansão das chamadas “fronteiras agrícolas” no Maranhão tem estimulado a emergência de uma lógica onde o presente parece nos apressar rumo um caminho onde só ele importa. Certa “onipresença do presente” aliada às transformações no perfil das cidades maranhenses e relações sociais de seus moradores, posicionam as reflexões e debates sobre a *cultura imaterial*¹ maranhense e sua salvaguar-

¹ A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em sua 32ª sessão, realizada em Paris de 29 de setembro a 17 de outubro de 2003, entende por patrimônio cultural imaterial: “[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente

da como processos essenciais para a construção dos atuais contextos democráticos no estado. A partir de uma série de fenômenos de mudanças e permanências que incidem diretamente sobre a dinâmica do patrimônio imaterial maranhense e sua existência, o presente artigo tem como objetivo explorar os significados dos Festejos do Mastro da Bandeira em São Bernardo², região do Baixo Parnaíba Maranhense – MA³, para a tessitura de pertencimentos, memórias e laços sociais em terras bernardenses.

Em um cenário econômico e social em constante transformação não apenas a luta pela terra e direito ao trabalho parece emergir de maneira significativa na região, pois a destruição das florestas e a poluição e morte dos rios criaram as condições de possibilidades para a degradação da diversidade sociocultural, saberes locais e cultura imaterial nas cidades atingidas por esses processos. Como afirma Mesquita (2008), o modelo econômico vigente tem afetado de maneira direta a maioria da população, especialmente a rural, e dentre esta os grupos que formam os povos e comunidades tradicionais, como os agros extrativistas, quilombolas, indígenas, ribeirinhos e pescadores artesanais (Mesquita, 2008, p. 15-16). Configura-se no Baixo Parnaíba Maranhense, sob essa perspectiva, um arranjo permeado por: processos massivos de concentração e cerceamento de terras; mudanças significativas nas relações sociais de produção e racionalidade econômica dos grupos sociais historicamente assentados nessa região do estado; degradações de biomas essenciais para a reprodução material, social e cultural de camponeses, remanescentes de quilombos e indígenas que fazem uso comunal dessas terras; e, entre outros, fluxos migratórios de novos contingentes populacionais, especialmente os chamados *gaúchos*⁴, que imprimiram uma nova dinâmica nos contextos rurais e urbanos do Maranhão.

Diante desse quadro, o presente artigo se inscreve num conjunto de pesquisas que renovam o interesse pelo estudo das devoções e festas religiosas no Brasil (Couto, 2008), ao investigar os significados, continuidades e dinâmicas dos festejos do município de São Bernardo para a produção da sociedade e cultura maranhense⁵. Como aponta Maria Laura Viveiros de Castro, essas questões enfa-

reciado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.” (Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, 2006, p. 04). No Brasil o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, institui o registro e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, e, o segundo artigo da Lei Nº 10514 de 05/10/2016 do Governo do Estado do Maranhão dispõe sobre a Proteção de Bens Culturais de Natureza Imaterial, considerando que: “Os bens culturais de Natureza imaterial do Estado do Maranhão constituem práticas, representações, expressões, comportamentos e técnicas, bem como os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade maranhense e que, por registro como patrimônio cultural imaterial, venham a ser reconhecidos como de valor cultural, visando à sua preservação.” (Governo do Estado do Maranhão, Art. 2º, Lei Nº 10514 de 05/10/2016)

2 São Bernardo possuía em 2010 uma população de 26.476 habitantes distribuídos em uma área de 1.006 km². Fonte: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=211060&search=maranhao|sao-bernardo>. Acesso em 01/09/2018.

3 A microrregião do Baixo Parnaíba Maranhense é uma das microrregiões do estado do Maranhão pertencente à mesorregião Leste Maranhense. Sua população foi estimada em 2010 pelo IBGE em 129.381 habitantes, sendo composta por seis municípios (Água Doce do Maranhão, Araioses, Magalhães de Almeida, Santa Quitéria do Maranhão, Santana do Maranhão e São Bernardo). Fonte: <http://www.cidades.ibge.gov.br>. Acessado em 01/09/2018.

4 Em “O eldorado dos gaúchos: deslocamento de agricultores do Sul do país e seu estabelecimento no Leste Maranhense”, Rafael Gaspar (2010) analisa os processos migratórios associados a expansão das frentes agrícolas no Brasil e seus significados para a compreensão do arranjo social, cultural, econômico e político maranhense.

5 Os Festejos da cidade ocorrem anualmente entre os dias 10 e 20 de agosto em comemoração ao Santo Bernardo de Claval, São Bernardo, padroeiro do município maranhense. “A festa é organizada pelos moradores mais antigos, devotos da paróquia e autoridades eclesásticas locais” (Sousa & Viana, 2013, p. 04). Sua programação é envolvida por missas, novenários, romarias, leilões, batizados, casamentos, pagamentos de promessas ao Santo, levantamento do Mastro, festas e procissões, contando com intensa participação da população da região (Ibid., 05).

tizam a interdependência das expressões culturais com as dimensões sociais, econômicas e políticas que “articulam estas múltiplas expressões como processos culturais vivos e capazes de referenciar a construção de identidades sociais” (Castro, 2008, p. 12). Destacando a importância da religiosidade, representações e práticas devocionais dos diferentes grupos formadores da sociedade maranhense na produção dos bens culturais de natureza imaterial, a salvaguarda⁶ desse patrimônio emerge como um processo fundamental para a preservação da memória e cultura no estado.

Buscando desenvolver uma sequência coerente para a exposição dos argumentos que nos propomos a apresentar no artigo, dividimos o mesmo em quatro momentos. Inicialmente, exploraremos de uma perspectiva histórica e social a intimidade dos brasileiros com os santos no desenho dos traços e características da religiosidade popular no país. Homenagens à Virgem Maria no Sudeste e Norte do Brasil e devoções e orações dedicadas a santos canonizados pela tradição e sabedoria local revelam não apenas o universo diversificado das crenças religiosas e práticas devocionais no país, mas também sua importância histórica para a formação social, política e cultural da sociedade brasileira. Em um segundo momento, nos debruçaremos sobre as narrativas que exploram as origens da devoção e festas em homenagem ao santo padroeiro em São Bernardo. Elementos históricos, figuras regionais e situações fantásticas permeiam as diferentes versões que ajudam a produzir e legitimar a crença local e as práticas devocionais em nome do santo. Após essa etapa, destacaremos algumas impressões qualitativas sobre as práticas, ritos e atos de devoção agenciados durante o festejo da cidade. Nesse momento, o cenário tecido pela festa, devotos, pagadores de promessas e populares indicam lugares, proximidades e diferenças que nos permitem vislumbrar a produção e dinamismo da vida coletiva na região. Por fim, teceremos considerações acerca do que buscamos explorar ao longo do artigo.

2 “Terra de todos os santos”: festas e devoção no Brasil e no Maranhão

As proximidades do brasileiro com os santos e as relações historicamente tecidas com o sagrado em nossa sociedade apresentam-se conectadas a uma das mais instigantes faces da religiosidade popular no Brasil: seu caráter devocional. Desde os primeiros séculos da colonização portuguesa (Séc. XVI) as festas de devoção aos santos padroeiros emergem como marco significativo do arranjo colonial brasileiro, constituindo-se como um importante espaço para sociabilidades, lazer, trocas e agenciamentos de diferenças e identidades. A historiadora Mary Del Priore aponta que as festas de devoção no país eram repletas de músicas, danças, comidas, bebidas, fogos de artifício e alegorias que ajudavam a compor espaços de controle e narrar privilégios e hierarquias construídos em torno da herança portuguesa e das “[...] contribuições culturais dos negros e dos ameríndios, num leque de expressões religiosas híbridas” (Priore, 1994, p. 152).

A antropóloga Rita Amaral (1998, p. 95) considera que após os Concílios de Trento⁷ (1545-1563), “quando os leigos ganharam aos poucos mais espaço no interior das irmandades religiosas” as festas

6 “Entende-se por “salvaguarda” as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como a identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal - e revitalização deste patrimônio em seus diversos aspectos”. (Convenção UNESCO, 2006).

7 O Concílio de Trento (1545-1563), ou “Concílio da Contrarreforma”, reuniu na Itália autoridades eclesásticas para a deliberação de assuntos relativos a pastoral, a doutrina, aos costumes e a fé após os abalos sofridos pela Igreja Católica com a Reforma Protestante (Séc. XVI).

de santos de devoção passaram a ser mais numerosas e se multiplicaram no território nacional, devido, entre outras causas, ao maior envolvimento das comunidades na organização das festas, especialmente em sua dimensão litúrgica. Nesse momento, os nomes dos santos católicos foram difundidos e popularizados no país, nomeando vilas, cidades, ruas e praças. “Em 1533, a primeira vila do Brasil, foi batizada com o nome de São Vicente” (Vainfas, 2002, p. 37) e ainda em 1565 a cidade do Rio de Janeiro, mais tarde capital do Brasil (século XVII), era popularmente conhecida como São Sebastião. Sob essa perspectiva, o historiador Ronaldo Vainfas considera ser justificável que o Brasil seja chamado, em toda a sua extensão e diversidade, de “terra de todos os santos”.

Em nossos dias atuais as festas em homenagem aos santos de devoção movimentam cidades, comércios e pessoas por todo o país. São festas devocionais de maior ou menor visibilidade que ultrapassam e desafiam o tempo, sendo incorporadas ao calendário nacional, estadual e local ao longo da história brasileira. Como fenômenos de longa e persistente duração, as festas dos santos são marcadas por um referencial de fé, promessas, orações e romarias que compõem a identidade e o imaginário das regiões e localidades onde são celebradas.

Dentre as diferentes manifestações culturais associadas as festas de santos no Brasil duas ganham destaque pela visibilidade e grande mobilização de devotos. Referimo-nos as festas de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, em Aparecida, interior de São Paulo, e, ao Círio de Nazaré, em Belém, no estado do Pará, região Norte do país.

O culto mariano de grandes proporções em homenagem a Nossa Senhora Aparecida adquiriu importância no país a partir de inúmeros testemunhos de fieis que associavam curas de enfermidades e milagres à santa de devoção. Envolvida em uma narrativa de mistérios e fé desde seu descobrimento por pescadores às margens do Rio Parnaíba em 1717⁸, a imagem de terracota da Virgem Maria conduz diariamente devotos e curiosos rumo à basílica de Aparecida, consagrada em 12 de outubro de 1980 pelo então Papa João Paulo II (1978-2005). As romarias à Aparecida do Norte, como popularmente ficou conhecida a cidade, acontecem mensalmente e se intensificam no mês de outubro, quando Aparecida recebe milhares de romeiros na maior festa, em terras brasileiras, realizada em homenagem à “Senhora de cor morena” (Vainfas, 2002, p. 62).

Distante dali, na região norte do Brasil, no segundo domingo de outubro as ruas históricas de Belém do Pará aglomeram multidões de fieis para celebrar a fé em Nossa Senhora de Nazaré⁹. Segundo Alves (1980, p. 14), o Círio de Nazaré “é uma importante manifestação do corpo social, pois revela fenômenos e características sociais consagradas no ritual, além de outras dimensões: poder, ideologia e simbolismo”. De maneira recorrente, a festa se organiza da seguinte forma:

Quinze dias de manifestações de fé que começam com uma romaria fluvial, quando centenas de embarcações saem do distrito de Icoaraci, atravessam a Baía de Guajará e chegam ao porto de Belém, trazendo a imagem de Nossa Senhora de Nazaré. À noite, uma concorrida procissão conduz a imagem até a Catedral da Sé. No dia seguinte, domingo pela manhã é celebrada uma missa, seguida de uma procissão que acompanha a Santa até a Basílica de Nazaré. (Jurkevics, 2015, p. 84)

8 A imagem de Nossa Senhora Aparecida, Virgem Maria, encontra-se atualmente na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida, São Paulo. O santuário mariano é o quarto mais visitado no mundo e a festa litúrgica em homenagem a santa é realizada anualmente em 12 de outubro.

9 A origem da devoção e da festa está ligada a imagem de Nossa Senhora de Nazaré encontrada às margens do igarapé Murutucu, no ano de 1700, por Plácido José de Souza. No local onde foi encontrada a imagem está hoje a Basílica Santuário de Nazaré, local para onde converge a fé e a devoção dos devotos marianos.

A procissão do Círio constitui-se como um dos principais momentos da homenagem, onde entram em cena os devotos e romeiros da santa, carregando imagens domiciliares e velas acesas em trajetos percorridos a pé, em carros, motos ou bicicletas. Durante esse momento, segundo Jurkevics (2015, p. 85), muitos devotos realizam seus agradecimentos aos santos por meio de provas e desafios pessoais “disputando cada palmo dos quatrocentos metros da grossa corda que puxa o carro que transporta a imagem da santa”. A procissão do Círio seria um momento festivo onde, de maneira direta ou indireta, os moradores da cidade se envolvem, pois “mesmo os que ficam em casa acompanham-na através das emissoras de rádio e de televisão. Os jornais locais fazem edições especiais, e imprimem pôsteres com a imagem da santa” (Alves, 1980, p. 15).

Dando forma e conteúdo as múltiplas representações e experiências ligadas ao sagrado e a fé a partir das idiosincrasias regionais e locais, as manifestações religiosas brasileiras encerram e atualizam uma multiplicidade de relações, tornando esses momentos reveladores de importantes questões culturais, econômicas, sociais e políticas. Em meio a reprodução e legitimação de repertórios de ação e devoção, a diversidade e os aspectos singulares de cada manifestação religiosa emergem como sinais da renovação e atualização dinâmica do caráter simbólico, cultural e social das festas e rituais operacionalizados em nome dos santos.

No Maranhão, Nordeste do Brasil, a fé e a devoção aos santos promovem de maneira regular agendas mensais e anuais para a realização de missas, romarias e promessas. Historicamente marcado por heranças europeias, africanas e indígenas, o catolicismo popular maranhense, em suas grandes, médias e pequenas cidades, revela a diversidade e plasticidade das manifestações religiosas brasileiras, permeadas por elementos de diferentes matrizes que se fundem em uma devoção localmente arranjada. Os cultos aos *vodus* na capital São Luís, as festividades em diferentes momentos do ano na *Casa das Minas*¹⁰ e a festa do *Divino Espírito Santo*¹¹ na cidade de Alcântara, que segundo Sérgio Ferretti (2013) é uma festa com rituais hierárquicos onde as tradições do catolicismo popular se entrelaçam com os rituais de origem africana, “como se fossem duas retas que se encontram no infinito” (Ferretti, 2013, p. 189), tornaram-se símbolos da identidade cultural maranhense e da herança cultural multifacetada que constitui suas práticas e rituais devocionais.

Essa diversidade de crenças e rituais devocionais faz do Maranhão um território religioso que reflete, em grande medida, as experiências, imagens e vínculos dos sujeitos sociais com o sagrado, compondo de maneira heterogênea a paisagem espiritual e festiva do estado nordestino.

No cenário maranhense três festas católicas atraem anualmente multidões de devotos para seus momentos sagrados e profanos. Durante o mês de setembro, São José de Ribamar, localizada na região

10 A *Casa das Minas*, ou Querebentã de Zomadônu, localizada no bairro da Madre de Deus, em São Luís, é a mais antiga casa de religião afro-brasileira do Maranhão e uma das mais antigas do Brasil. Foi, provavelmente, fundada em meados do século XIX por negros *jeje* oriundos do sul de Benin (antigo Daomé). A comunidade da Casa das Minas é composta em sua maioria por mulheres, que detêm papéis e cargos importantes. Os homens têm atuação específica e limitada, com a função principal de tocar os tambores (eles não recebem *voduns*). Ver em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=1009:casa-das-minas-querebenda-de-zomadonu&catid=38:letra-c Acessado em: 22/09/2018.

11 No Maranhão o culto ao *Divino Espírito Santo* teve início com os colonos portugueses. A partir de meados do século XIX a tradição da festa do Divino começou a estar firmemente enraizada entre a população da cidade de Alcântara. Hoje, a devoção ao Divino é uma das mais importantes práticas religiosas do Maranhão mobilizando a cada ano centenas de pessoas em todo o Estado. Ver em: <https://www.geledes.org.br/a-festa-do-divino-espírito-santo-no-maranhão-e-suas-caixas/> Acessado em: 22/09/2018.

metropolitana da capital São Luís, recebe um número expressivo de romeiros e devotos de São José. Em meio as homenagens para o santo os pagadores de promessas depositam bilhetes, fotos e *ex-votos*¹² nos arredores do santuário, tornando-se figuras características e centrais do imaginário e das práticas devocionais em terras maranhenses. Nos dias de festejo, pagadores de promessas, romeiros e curiosos alteram de maneira significativa a dinâmica espiritual e comercial da cidade, que lucra com o turismo e o consumo associado aos ciclos religiosos anuais. Nessa perspectiva, concordamos com Alba Zaluar (1993) quando pondera que as festas religiosas no Brasil têm sofrido mudanças relevantes ao transformarem os momentos devocionais em ocasiões propícias para o lucro e vendas de mercadorias. O sagrado e o profano articulam-se de uma maneira renovada quando as festas religiosas ganham maiores proporções e seu caráter comercial e econômico revelam sua face.

No município de Vargem Grande, microrregião de Itapecuru Mirim¹³, realiza-se anualmente uma festa para homenagear a figura do santo padroeiro dos vaqueiros maranhenses. O tradicional festejo de São Raimundo Nonato dos Mulundus acontece no fim do mês de agosto com romarias, missas, procissões, festas e uma cavalgada em nome do santo. A devoção ao santo, um vaqueiro santificado pelo povo, que viveu e morreu tragicamente no povoado dos Mulundus, distrito do município de Vargem Grande, alimenta o imaginário coletivo nas tessituras das expressões e manifestações da religiosidade popular, celebrando e legitimando os “santos do povo” através de práticas e rituais que nem sempre contam com o aval e reconhecimento da Igreja oficial. Em detrimento da valorização de figuras alheias as experiências locais, a festa em homenagem a São Raimundo Nonato dos Mulundus incorpora elementos que o identificam a cultura sertaneja maranhense, especialmente através da adoração do vaqueiro santificado como um mediador para as questões que se relacionam com o sagrado.

Para além de agenciamentos simbólicos e devocionais as festas dos santos revelam a ocorrência anual e periódica de um fluxo contínuo entre os diferentes “lugares da fé” no estado, movimentando devotos, romeiros e mercadorias em um consumo religioso, econômico, social e cultural das cidades por onde passam. Nessa perspectiva, as trocas simbólicas e materiais dos devotos com seus santos protetores são eventos essenciais não apenas para a renovação da fé, mas também para o reforço das identidades locais, lugares sociais e laços entre amigos e familiares.

São Bernardo, cidade localizada na região do Baixo Parnaíba Maranhense, tornou-se um desses “lugares da fé” onde a devoção ao padroeiro local e as manifestações devocionais associadas ao seu culto extrapolaram as fronteiras municipais e estaduais através de uma tradição secular que se confunde com o surgimento da cidade que leva o nome do santo. Na tentativa de identificar e compreender os múltiplos significados locais dessa festa em homenagem a São Bernardo, passado, presente e futuro se articulam dinamicamente demarcando os territórios possíveis e interditos para a expressão e vivência da fé em terras maranhenses.

12 O termo *ex-voto* refere-se particularmente a quadros ou imagens expostos nas igrejas em cumprimento de um voto. O prefixo “*ex*” indica que o pagamento da promessa já situa o pedinte da graça em um lugar que não é o da dívida, tendo sido essa contraída no ato de pedir e sanada no ato de pagar. (Walsh Netto, 2008).

13 A Microrregião de Itapecuru Mirim é composta pelos municípios de Cantanhede, Itapecuru Mirim, Matões do Norte, Miranda do Norte, Nina Rodrigues, Pirapemas, Presidente Vargas e Vargem Grande. Ver em: <http://www.secid.ma.gov.br/> Acessado em: 22/09/2018.

2. “O santo e a Matriz”: narrativas sobre a origem do município e devoção a São Bernardo

O município de São Bernardo se localiza na Região Leste Maranhense, mais especificamente na região do Baixo Parnaíba Maranhense. Trata-se de uma área geográfica localizada na divisa dos estados do Maranhão e Piauí e que apresenta uma rica diversidade de biomas, com florestas, chapadas, rios e lagoas que banham lugarejos e dão vida a fauna e flora local. Segundo Sousa (2014), as terras que hoje compõem o município de São Bernardo foram inicialmente habitadas por grupos indígenas que no processo de formação do arraial, e mais tarde da vila, sofreram com a usurpação de suas terras e com as transformações que o contato com outros povos ocasionaram em seus modos tradicionais de vida.

Embora existam diferentes narrativas acerca do surgimento do município prevalece no imaginário popular e na historiografia regional a versão de que a origem da cidade estaria ligada a atuação de padres jesuítas que exploraram o Rio Parnaíba por volta de 1676 (Souza, 1977), mantendo os primeiros contatos com os povos indígenas que ocupavam de maneira dispersa a região. Cartas e documentos históricos relativos ao processo de formação do estado do Maranhão corroboram essa narrativa ao destacarem em seus conteúdos a existência de aldeias e grupos indígenas, dentre eles os índios Anapurus¹⁴, distribuídos pelos territórios que posteriormente constituiriam as vilas de São Bernardo do Brejo, São Bernardo da Parnaíba e Tutóia.

Em seu hoje clássico *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão* (1970, p. 225), César Augusto Marques reflete sobre o processo histórico de ocupação e povoamento da região do Baixo Parnaíba Maranhense e do município de São Bernardo.

Muito se tem especulado sobre o marco inicial da civilização no território em que hoje se encontra instalado o município de São Bernardo. Entretanto, nada se pode afirmar categoricamente, em vista da ausência de documentação. Permanece a tradição de que as primeiras investidas no território municipal se processaram através dos padres jesuítas, no século XVIII. Realmente, no ano de 1700, impulsionados pelo sublime ideal de conquistar almas e difundir a religião católica, os Jesuítas lançaram-se à tarefa de catequizar índios, para o que tiveram de se embrenhar por densas florestas e inóspitas paragens (Marques, 1970, p. 225).

Agregando novos elementos a essa argumentação, Mathias Rorhing Assunção (1988, p.156) enfatiza que os índios do Baixo Parnaíba “foram desaldeados formando com os descendentes de escravos fugidos e alforriados os primeiros núcleos do povoamento dessa região”. Esses primeiros núcleos populacionais teriam sofrido forte influência do culto religioso católico (Souza, 1977, p.23), pois como partes integrantes da América Colonial Portuguesa o início da trajetória dessas vilas é marcada, como tantas outras, pelas investidas catequizadoras dos padres Jesuítas que percorreram as chapadas e sertões no afã de expandir as fronteiras e os limites da cristandade em terras nordestinas.

Quanto à composição étnica e cultural dos moradores do Baixo Parnaíba Maranhense e São Bernardo, estudos apontam que a população local seria o resultado do encontro de indígenas, negros, brancos e caboclos que ao longo do século XIX e início do XX passaram a se fixar na região. A posição geográfica do município, localizado às margens do Rio Parnaíba, divisa natural entre os estados do Maranhão e Piauí, teria facilitado a entrada e interação desses grupos em terras bernardenses,

14 De acordo com Anderson Lago (1989, p. 17), os índios Anapurus que ocupavam a região “eram divididos em *Anapurus-Mirins* e *Anapurus-Açu*” e dedicavam-se mais à lavoura de alimentos de subsistência do que à pesca e à caça de animais.

especialmente no período que antecede a abertura das primeiras estradas de rodagem na região leste do Maranhão. Consultando fontes históricas, Assunção (2015) identificou documentos que descrevem uma complexa rede de caminhos e trajetos entre as vilas e aldeias do Baixo Parnaíba, o que teria facilitado o crescimento populacional da região e o surgimento de vilas a partir de pequenos núcleos de povoação¹⁵.

Essa complexa rede de caminhos tornou possível, segundo Assunção (2015), um intenso fluxo migratório de nordestinos, sobretudo cearenses e piauienses, para o Baixo Parnaíba Maranhense a partir do século XVIII. Os migrantes nordestinos, em maior número durante os períodos de seca, encontravam nas regiões de fronteira do Maranhão, especialmente as localizadas no litoral e à beira dos rios Itapecuru e Parnaíba, “lugares de passagem” e espaços propícios para a edificação dos primeiros povoados (São Bernardo, Brejo e Tutóia) da região. Indígenas aldeados, católicos desbravadores e migrantes nordestinos marcam a paisagem cultural e material dessa parte do Maranhão em seus primeiros passos, imprimindo traços significativos para as experiências relacionadas a fé e a religião em terras maranhenses.

Nesse arranjo multicultural que forma os primeiros povoados e vilas do Baixo Parnaíba devemos destacar, para além dos grupos já mencionados, a presença decisiva do grande número de negros, e seus descendentes, que afluíram para essas terras com o tráfico negreiro colonial. Na região, além dos relatos orais, encontramos edificações em ruínas que atestam a presença material de senzalas nos povoados de São Raimundo, Santa Maria e Currais, em São Bernardo; Vazantinha e Retiro dos Jesuítas, em Magalhães de Almeida; Vila das Almas, em Brejo; e, Canto d’água e Fazendinha, em Santa Quitéria do Maranhão. Após a abolição da escravidão no Brasil (1888) muitos grupos de escravos libertos permaneceram na estrutura dessas fazendas na condição de agregados ou ocuparam terras próximas a essas instalações, possibilitando que aos poucos muitas dessas terras fossem trocadas ou herdadas, formando o que hoje podemos chamar de *terras de preto*¹⁶.

Consultando as fontes do Arquivo Público do Estado do Maranhão podemos encontrar um mosaico de informações relativas ao processo histórico, político e social da formação da vila de São Bernardo do Parnaíba, como era nomeada a cidade nos documentos dos séculos XVIII e XIX. Quando a Freguesia de São Bernardo foi constituída, em 1741, existia no pequeno arraial uma capela construída por indígenas e escravos em colaboração com um fazendeiro local, Bernardo de Carvalho Aguiar. Nesse momento a população da freguesia era formada por “3088 almas”, incluindo negros, brancos e mulatos (Marques, 1970).

Nesses documentos históricos Marques (1970) identificou uma série de insatisfações relativas à localização da capela que servia de matriz para os fiéis da freguesia, devido, entre outros fatores, as precárias condições em que se encontrava o templo e seu difícil acesso, um local alagadiço. Devido a essas razões, o Padre Domingos Coqueiro, assim que chegou à freguesia em 1789, declarou a impossibilidade de desenvolver atividades de cunho assistencial junto aos seus fiéis no referido local. Em

15 Posição corroborada pelos relatos das viagens de Francisco de Paula Ribeiro, militar português que esteve a serviço da Coroa portuguesa na Capitania do Maranhão durante os anos de 1795 a 1823, disponíveis nos arquivos da Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (RIHGB). Em suas viagens pelo interior maranhense o militar elaborou uma ampla descrição dos aspectos históricos, geográficos, antropológicos e memorialistas dos territórios mais antigos do Maranhão.

16 ALMEIDA, Wagner Berno de. Terras de preto, Terras de santos, Terras de índio – uso comum e conflito. In: CASTRO, Ena e HABETTE, Jean (org). Cadernos de NAEA/UFPA, n. 10, 1990.

ofício ao Bispado do Maranhão (Marques, 1970), o padre solicita que a Freguesia de São Bernardo do Parnaíba, “que estava em ruína, além de ter sido construída em local alagadiço e distante das residências dos fregueses, fosse anexada à Freguesia de Brejo dos Anapurus”. A insatisfação do clérigo somada as queixas de alguns populares locais teriam precipitado a transferência da matriz, assim como da residência do padre, deixando durante muito tempo a freguesia de São Bernardo “em quase completo abandono e o Brejo em prosperidade sempre crescente” (Marques, 1970, p.580).

Passados alguns anos da anexação de São Bernardo a Freguesia de Brejo, os embates em torno dos limites territoriais das duas localidades revelam as tensões políticas, eclesiásticas e econômicas envolvidas no processo da constituição das comunidades religiosas e municípios brasileiros¹⁷. No século XIX, por volta de 1820, as duas Freguesias foram novamente desmembradas, provocando uma reorganização dos territórios e competências religiosas das partes envolvidas. Essas mudanças e transformações teriam motivado os moradores e fazendeiros devotos de São Bernardo a angariar fundos para a construção de uma nova Igreja Matriz, edificada em 1877.

A Freguesia de São Bernardo torna-se vila em 1859, através da Lei Provincial nº 550, contando em 1864, segundo Amaral (1897), “[...] com 121 casas, das quaes 25 cobertas de telha; a freguesia tem uma população de 7:700 almas e 33 engenhos de assucar, aguardente e rapadura, 89 fazendas de criação de gado e 15 casas de negócio” (Amaral, 1897, p. 107). Em 1896 a vila de São Bernardo era constituída por “[...] 3 ruas, 1 travessa, 4 becos, e 2 praças, com 61 casas de telha e 28 de palha, e 7 ditas de negócio de seccos e molhados” (Amaral, 1897, p. 108) onde se distribuía “2 alfaiates, 5 sapateiros, 2 barbeiros, 2 carpinas e dois ferreiros” (Amaral, 1897, p. 109). A vila tinha como principais atividades econômicas “a plantação da mandioca, arroz, milho, feijão, tapioca ou fumo, azeite de cocô e a criação de gado bovino solto nas áreas de cerrado” (Marques, 1970, p.581). A pesca e o comércio também eram atividades importantes para os moradores locais, já que a vila estava situada próxima a lagoas e rios, sobretudo o Buriti e o Parnaíba, que durante o início da ocupação, até anos bem recentes, serviu como via de comunicação e escoamento da produção de São Bernardo para o porto da vila de Parnaíba, localizada no estado vizinho do Piauí.

Em meados do século XX, através da lei estadual nº 771 de setembro de 1952, o município encontra sua delimitação territorial definitiva, testemunhando durante os próximos anos um aumento significativo de sua população, principalmente através da entrada de trabalhadores oriundos de outros estados da região Nordeste. Neste período a ligação do município com a capital São Luís é facilitada através da abertura de estradas de rodagem, tornando São Bernardo um importante entreposto comercial entre a capital maranhense, os municípios do Baixo Parnaíba e as cidades dos estados do Piauí e Ceará.

Com relação aos aspectos religiosos da cidade e do povo em formação, a devoção a São Bernardo ganha maior visibilidade e adeptos no século XX, com a organização da paróquia e a construção de um novo templo em 1926. Neste período surge a figura do Padre Nestor, pároco responsável por ações sacerdotais em toda a região do Baixo Parnaíba, especialmente nos territórios de São Bernardo, Santana do Maranhão, Magalhães de Almeida e Santa Quitéria do Maranhão. Segundo a narrativa de uma das moradas mais antigas de São Bernardo, o clérigo teria criado “a primeira banda de música

17 As pesquisas de Anderson Lago (1989, p. 61) revelam alguns dos conflitos envolvidos no processo de constituição das duas freguesias, especialmente através da Provisão Episcopal de 7 de setembro de 1799.

na paróquia, criou uma escolhinha para adultos, realizou muitas peças teatrais e organizou o coro da Igreja com ensaios de músicas religiosas” (M.N.C., 2014¹⁸), tendo participado de maneira ativa na organização de grupos de oração e festas em homenagem ao santo padroeiro.

Através da história do município e seu arranjo político, religioso, econômico e cultural a compreensão da festa em homenagem a São Bernardo e das práticas devocionais que lhe envolvem ganham significado para o processo de reprodução das identidades locais e cultura popular maranhense. Debrucemo-nos nesse próximo momento do texto sobre o cenário constituído pela festa, onde devotos, promesseiros e populares desenham lugares e posições ao mesmo tempo em que produzem, e reproduzem, a vida coletiva e social do município.

3. Representações e narrativas sobre os Festejos de São Bernardo

As narrativas sobre a origem da festa em homenagem a São Bernardo na cidade maranhense que leva o nome do santo, remetem-nos à relatos sobre o aparecimento misterioso de uma imagem na cidade. No lugar onde teria sido encontrada por indígenas ou descoberta por vaqueiros, como as versões de alguns moradores locais aprenderam a contar, foi erguida uma igreja e uma missão religiosa, dando origem a devoção ao santo em terras maranhenses e as festividades em sua homenagem.

Os jesuítas que aqui vieram, trouxeram uma imagem de São Bernardo – que ainda hoje está no altar principal da Igreja Matriz – e colocaram ao pé de um morro e a cobriram com espinhos. Logo, os índios, habitantes desta terra, encontraram-na e levaram-na aos jesuítas, dizendo ser “um caso do céu” aquela descoberta. Era o que os jesuítas queriam. Não só aceitaram a ideia dos índios, como organizaram, logo, uma capelinha de palha e, nela colocaram o grande santo. Estava fundada a paróquia e povoado (hoje cidade de São Bernardo). A imagem de que se fala é a mesma no Altar Central da Igreja Matriz. Segundo pesquisas de entendidos, ela tem mais de 300 anos. (Livro de cânticos do Festejo de São Bernardo, 1996, p. 12).

Em São Bernardo as versões oficiais ganham outras variantes, desenhando diferentes narrativas e caminhos que conduzem à história do início da devoção. Relatos orais afirmam que a opção pela devoção ao santo deriva do fato dos jesuítas que pela região passaram e se instalaram serem membros da Ordem de Cister, ligados ao Abade Bernardo de Claraval em Portugal¹⁹. Para alguns dos entrevistados essas narrativas se apoiam na transmissão memorialística de seus antepassados, pois “todas essas histórias dos jesuítas, vocês podem ter como verdade, porque quem me contou foi meu pai, ele passava tudo pra mim” (M.E.A.L., 2014).

Em outras falas a origem das festas em homenagem a São Bernardo estaria associada à migração de famílias dos estados do Piauí e Ceará que se deslocaram para essa região ao longo do século XIX. Entre esses migrantes se encontrava um vaqueiro, de origem desconhecida, cujo nome era Bernardo de Claraval. Segundo a tradição local, teria sido esse vaqueiro que em suas andanças à procura de vacas desgarradas após um tombo encontrou a imagem de São Bernardo no alto de um morro, lugar onde foi edificada a atual igreja matriz do município. Outros relatos, pouco difun-

18 No presente artigo optamos por omitir o nome dos interlocutores da pesquisa. As narrativas dos mesmos são registradas pelas iniciais dos seus nomes em letra maiúscula e o ano do seu registro.

19 O movimento cisterciense foi promovido, em 1098, por Roberto de Champagne, abade de Molesme na Borgonha, seguido por um grupo de vinte e um monges que haviam abandonado o seu mosteiro. Ver em: <http://www.mosteirodeclaraval.org.br/cistersienses.php> Acessado: 22/09/2018.

didados, associam a devoção ao santo à chegada de um lusitano, o capitão Bernardo de Carvalho e Aguiar, nesta região por volta de 1708. O português teria sido um “pacificador de indígenas”, com destacada atuação nos estados da Bahia, Pernambuco e Piauí, que foi convocado pelo governo do Maranhão em 1712 para “pacificar” esta região, possibilitando a entrada de uma missão jesuítica em terras maranhenses.

As diferentes versões que buscam descrever o surgimento da devoção e festa em homenagem a São Bernardo misturam elementos alicerçados em aspectos históricos (a presença jesuítica e as migrações estaduais, que fazem da região fronteira de passagem e lugar de acolhida para migrantes), práticas culturais (associados às experiências indígenas, portuguesas e caboclas, especialmente através da presença da figura do vaqueiro) e situações fantásticas (como a descoberta da imagem por indígenas ou vaqueiros no sopé de um morro local). Sob uma ótica sociológica são narrativas que indicam e dão corpo a polivalência e inventividade das representações e significados simbólicos associados às compreensões locais das práticas devocionais que envolvem as homenagens aos santos no país.

A festa mobiliza, direta ou indiretamente, toda a cidade de São Bernardo durante os dez dias em que se realiza, atraindo para o lugarromeiros da região do Baixo Parnaíba e de outros estados vizinhos. A tradição em organizar a festa e seus diferentes momentos teriam ganhado maior importância e significado para a vida social e cultural da cidade a partir das iniciativas do Padre Nestor, pioneiro na introdução de novos elementos na condução da festa durante a segunda metade do século XX. Segundo os moradores locais, teria sido o clérigo o responsável pela criação e inserção de uma banda de música durante os dias da festa e pela campanha para a construção de uma nova igreja matriz, em estilo gótico, para a recepção de fiéis e romeiros que se dirigiam em número cada vez maior para o templo. Para uma das organizadoras mais antigas da festa, as homenagens ao santo ganharam visibilidade “na época do Padre Nestor, ele era um padre muito dedicado, ele se empenhava mesmo em realizar a festa, em motivar as pessoas na questão da fé, a gente mantém essa tradição.” (M.N.C.N., 2014).

Mantendo essa tradição, pessoas ligadas a grupos de oração, pastorais e demais movimentos que constituem a paróquia santuário, produzem e reproduzem a festa dentro de uma rede comunitária eclesial que traça formas de reconhecimento e posições sociais no arranjo coletivo local. Os organizadores da homenagem a São Bernardo reúnem-se diversas vezes ao ano definindo: a ordem das atividades do festejo; os momentos dos contatos com as autoridades políticas, econômicas e eclesiais da região; e, a divisão das atividades a serem executadas nos dez dias que envolvem a festa. As principais decisões giram em torno da constituição das comissões de leilão, procissão e liturgia; das disposições das barracas do santo e seus responsáveis; da responsabilidade pela instalação e operação de equipamentos eletrônicos; pela decoração do andor e posterior distribuição das flores que o ornamentam; e, pela organização e distribuição do café da manhã aos romeiros, momento realizado após o final da cavalgada em homenagem ao santo. Envolvendo devotos e curiosos em seus diferentes momentos, uma das entrevistadas destaca que entre os principais apoiadores da festa encontram-se a “polícia militar, secretária de cultura, saúde, prefeitura e moradores mesmo, aqueles que são devotos. Os comerciantes colaboram com “jóias”, e desses prêmios, a gente faz bingo, rifas. Eles também participam, tem às noites que eles participam dentro da programação religiosa” (M.N.C.N., 2014). Observemos mais de perto o envolvimento desses atores na dinâmica da festa e os múltiplos significados agenciados durante os festejos.

3.1 “A Festa de Agosto” sob um olhar qualitativo: sujeitos e dinâmicas em cena

Mesmo que o dia de São Bernardo caia numa segunda-feira, é celebrado de dez a vinte de agosto. No intervalo anual, de uma a outra, todos se preparam para o decenário de grandes alegrias. Os capões, os perus e os leitões são engordados nos chiqueiros. Não há quem não pense em vestir roupas novas. Nada se faz sem que se diga “antes ou depois da Festa de Agosto”. (Bernardo Almeida, 1989, p. 01)

Os Festejos de São Bernardo compreendem não apenas o momento da procissão e homenagem ao santo no dia 20 de agosto, último dia de festa²⁰. Os festejos iniciam-se através de um período de preparação, que antecede a festa, no qual vai sendo fermentado o clima para as homenagens ao santo e tecidas as expectativas dos moradores da cidade e da região em torno das atividades a serem desenvolvidas. A derrubada, condução e levantamento do mastro; a cavalgada e a missa campal em homenagem aos vaqueiros; as “festas do mundo” que ocorrem todas as noites e movimentam o comércio da região; a presença e circulação dos romeiros pelas ruas de São Bernardo; o retorno dos “filhos da cidade” para encontros com amigos e familiares; e, a procissão em homenagem ao santo, são momentos construídos com atenção e aguardados com ansiedade, envolvendo direta ou indiretamente grande parte da população da pequena cidade do Baixo Parnaíba Maranhense.

Com base nos resultados das entrevistas e observações de campo, o Festejo de São Bernardo pode ser apreciado a partir da ocorrência de dois conjuntos de atividades que se intercalam durante os dez dias de homenagens ao santo: as cerimônias e as festividades. Um dia antes do início da programação religiosa na cidade acontece uma festa popular que inaugura o “tempo do festejo”, conectando o homem do campo ao templo da matriz. Referimo-nos a “puxada” do mastro de São Bernardo, anualmente realizada no dia 09 de agosto, que conduz através de uma multidão um tronco, previamente retirado das matas do povoado Ladeira, no município de Santa Quitéria do Maranhão, para a entrada da cidade bernardense. Moradores dos povoados vizinhos e os romeiros que acompanham a atividade se juntam para homenagear o santo compartilhando conversas, refeições e bebidas ao som da “banda dos cabeças brancas”²¹. Próximo ao fim da tarde, os homens presentes se reúnem em torno da árvore escolhida e colocam-na sobre os ombros aos gritos de “Viva São Bernardo!”. O *primeiro mordomo do mastro*, autoridade máxima nos encaminhamentos da condução da árvore, dá a voz de comando para a saída em direção à sede administrativa do município, percurso de 40 quilômetros, iniciando uma romaria noturna intercalada por paradas previamente programadas. Como aponta Viana (2014, p.58):

Os mordomos do mastro são lavradores, aposentados e católicos, caboclos nascidos e criados em São Bernardo. São eles os principais responsáveis pela preparação e realização da festa, uma espécie de representantes provisórios do padroeiro de São Bernardo. Os que conduzem o corte, a puxada e o fincamento da árvore e, também, controlam a queima de fogos. São eles os responsáveis por parte dos gastos da festa com a comida e os foguetes, bem como, por receberem as pessoas da festa e visitantes em suas casas, onde são oferecidas comida e bebida. Durante a puxada do mastro, são eles os homenageados em diferentes

20 O “tempo do festejo”, como o descrito por Cordeiro (2010), gira em torno do período em que ocorrem as festas e homenagens à São Bernardo, anualmente entre os dias 10 e 20 de agosto. Durante o ano inteiro os festejos são organizados por moradores antigos, devotos, leigos da paróquia e autoridades eclesiais que durante o período da festa vêm suas rotinas e papéis alterados por um arranjo social que parece suspender momentaneamente suas experiências e atividades cotidianas.

21 Banda de fanfarra maranhense formada essencialmente por instrumentos de sopro, “metais”, e por moradores antigos da cidade, quase todos acima dos sessenta anos. Os músicos, em sua grande maioria, são autodidatas e participam das atividades da banda há pelo menos três décadas. A banda não possui vocalista, centrando sua apresentação em músicas instrumentais antigas e contemporâneas.

“Agosto em festa se enfeita”: religiosidade, práticas devocionais e representações simbólicas...

situações, se tornando referência de respeito e amizade durante e após a comemoração. Por esta razão, o momento em que simbolicamente marca estes atores é, também o momento em que a sociedade local estabelece os termos rituais da continuidade da festa, a passagem de um ano para o outro. São eles quem conduzem em procissão a Bandeira do padroeiro São Bernardo e a colocam no mastro para o hasteamento. (Viana, 2014, p. 58)

Rojões, conversas, gritos em homenagem ao santo e a banda de música dão o ritmo do cortejo festivo, que em cada parada que faz é agraciado com comidas, bebidas e orações daqueles que nesse momento fazem ou cumprem suas promessas. Durante “a espera” pelo mastro na Capela de Sebastião, lugar onde ficará até o momento da sua condução ao pátio da capela matriz, a cidade se mantém em festa, animada por grupos de tambores, bumbas e quadrilhas que se apresentam enquanto a multidão aguarda os “homens do mastro” e seu cortejo.

No entardecer do dia 10 de agosto, os devotos conduzem o mastro em cortejo pelas ruas da cidade, assumindo os fogueteiros o papel de anunciar para toda a cidade que o “mastro está chegando”. Esse é um dos momentos-chave do Festejo de São Bernardo, pois a condução, sacralização e levantamento do mastro dá início não apenas “a brincadeira”, mas também a uma série de práticas devocionais que se estendem pelos dez dias de homenagens ao santo. Durante o levantamento, homens e jovens disputam palmo a palmo um lugar para tentar a escalada do mastro, com cerca de vinte metros, em busca dos “prêmios do santo”, que geralmente são quantias de dinheiro ou galinhas, vivas, colocadas em sua extremidade. Nesse momento, algumas famílias mantêm a tradição de jogar bolinhos, pipocas e balas para as pessoas que se amontoam em torno do local onde o mastro será fincado.



Figura 01 – Levantamento do Mastro

Fonte: Acervo da equipe do Projeto de Pesquisa (2017)

Ao longo dos dez dias da festa do “glorioso”, como muitos o chamam na cidade, as missas, leitões e atividades culturais são acompanhadas incansavelmente por devotos, moradores eromeiros da região. A Igreja Matriz adquire uma feição diferente, ostentando uma decoração especial em seus espaços internos e nas imediações da praça do santuário. Nesse momento do festejo a participação da comunidade tona-se intensa, especialmente através das atividades dos pagadores de promessas que buscam agradecer as graças alcançadas. O início das atividades religiosas na matriz intensifica o

fluxo de devotos e romeiros, que chegam a cidade lotando caminhões, ônibus, carros e motocicletas. Alguns desses devotos realizam seus trajetos rumo a matriz montados em seus cavalos, juntando-se aos Cavaleiros de Parnaíba, Piauí, que chegam a São Bernardo no último dia da festa em homenagem ao santo. O ambiente urbano e as relações comunitárias parecem tornar-se mais intensas nesse período, pois além da participação massiva de populares nas atividades do festejo, o espaço interacional da cidade se dinamiza, fazendo com que as ruas do centro se encham de gente e de vida.



Figura 02 – Cavalgada

Fonte: Acervo da equipe do Projeto de Pesquisa (2017)

Paralelamente ao ritual religioso o espaço da cidade se transforma com a montagem de barracas que vendem, tornando difícil o trânsito pelas calçadas, comidas, roupas, brinquedos, panelas e lembranças do santo. Os pequenos comerciantes da região e dos estados vizinhos aproveitam a festa para potencializar seus lucros ou obter uma renda extra, tornando-se vendedores ambulantes que circulam pela cidade oferecendo objetos e artigos religiosos, dentre eles imagens do padroeiro, camisas e fitas para o firmamento de promessas.

O comércio “ferve” com o entra e sai de clientes nas lojas e boutiques da cidade, especialmente em busca de roupas adequadas para os diferentes momentos que compõem o festejo. O cuidado com a apresentação em público (Goffman, 1980), que ganha forma através da ostentação de roupas novas, torna-se, anualmente, um momento para a demarcação de diferenças e lugares sociais durante passeios e festas dançantes. O Baile dos Anos Dourados, que acontece em um tradicional clube da cidade, evoca a memória das primeiras festas de orquestra que aconteciam nos anos de 1980 na cidade. Nesse momento, diversas famílias econômica e politicamente influentes da região disputam as melhores mesas e lugares em um processo de demarcação de posições na festa e na dinâmica da vida coletiva local. Fora da badalação do baile, na orla do Rio Buriti²² são montados bares, barracas de comidas típicas e um já tradicional parque de diversões que atraem centenas de pessoas todas as noi-

22 Rio que banha a cidade e que deu origem ao primeiro povoamento do local que mais tarde se tornaria a sede administrativa do município.

tes para os momentos profanos da festa. Nesse arranjo, encontros e sociabilidades passam a marcar os arredores da igreja, as praças e ruas da cidade, possibilitando a tessitura de espaços de interação, reconhecimento e construção de identidades.

Passados nove dias do início das comemorações sagradas e mundanas, outro momento-chave para a compreensão das homenagens a São Bernardo ganha forma e incorpora a função de encerrar o “tempo do festejo”. Referimo-nos a procissão do dia 20 de agosto, atividade que atrai anualmente para São Bernardoromeiros e devotos do Maranhão e estados vizinhos que se juntam aos chamados “filhos da terra” nesse intenso dia de orações e caminhada em nome do santo padroeiro. O dia de São Bernardo, de acordo com o calendário oficial da Igreja Católica, é marcado na cidade por missas, orações e práticas devocionais que se multiplicam de maneira significativa no momento da procissão.



Figura 03 - Procissão de São Bernardo

Fonte: Acervo da equipe do Projeto de Pesquisa (2017)

A espera e o trajeto da procissão são momentos solenes e de grande importância para os devotos. As 17h00 o badalar dos sinos anuncia a saída do andor com a imagem do padroeiro, uma estrutura de metal ornamentada por flores, que é conduzida por uma multidão de fiéis e populares pelas ruas da cidade. Durante o trajeto, pagadores de promessas são vistos em suas túnicas beges, cor das vestes de São Bernardo; devotos com os pés descalços transitam fervorosamente em meio às ruas irregulares e abarrotadas do centro; crianças caracterizadas como anjos representam a devoção e o agradecimento de seus pais ao santo padroeiro; e, inúmeras velas iluminam o início da noite que conduz os fiéis pelos caminhos e espaços da fé. Nesse percurso o santo recebe homenagens daqueles que esperam sua passagem, sobretudo através da ornamentação das janelas e fachadas de suas casas com flores e toalhas brancas. A passagem da procissão é um momento de grande emoção para os bernardenses, pois, como afirma um dos nossos interlocutores, “quando o glorioso passa eu choro, lembro dos meus familiares que já se foram, lembro das primeiras festas de agosto. Eu rezo e peço por mim, por todos”. (M.C.R.B., 2014)

Percorrido o trajeto, na chegada a Matriz, seu santuário, o andor para por um instante, momento onde ocorre o conagraçamento, juntamente com orações, pedidos e pagamentos de promessas ao santo. Na frente da igreja ouve-se por mais um instante o hino do padroeiro, as palavras do bispo da

região, dos padres da paróquia e de um dos ilustres “Filhos da terra”. Após esse momento de orações, emoção e registros imagéticos, a imagem é reconduzida ao seu altar e diversos fiéis aproveitam a ocasião para tirar as flores que ornamentavam o andor para guardarem como lembrança do festejo em seus retornos, seja para terras próximas ou distantes.

Nos dias que se seguem a festa as estruturas montadas para as homenagens ao santo desaparecem aos poucos, encerrando o “tempo do festejo” e o intenso fluxo de pessoas que afluem por dez dias para a cidade. Festas, procissões, missas, devotos e promesseiros revelam um momento efusivo de produção e reprodução de lugares e sentidos na vida coletiva e social de São Bernardo, atuando de maneira decisiva na produção da cultura popular maranhense e no desenho dos arranjos político, sociais e econômicos da região.

Considerações finais

Através de uma análise qualitativa dos diferentes momentos que compõem os festejos em homenagem a São Bernardo na cidade maranhense que leva o seu nome, nos deparamos com narrativas que buscam associar a devoção ao santo e a reprodução anual da festa com a ocupação e origens do município. Nos dez dias que mudam a feição e a dinâmica da cidade e da região o universo plural e multifacetado do Festejo de São Bernardo revela não apenas um momento ímpar de devoção popular em terras maranhenses, mas também a atualização e reprodução de identidades, memórias, pertencimentos e lugares sociais. Trata-se, portanto, de um período que adquire significativa importância para os moradores, romeiros e devotos, que através de uma série de atividades ligadas ao mundo do sagrado e do profano dão corpo a religiosidade popular, constituindo o “tempo do festejo” como um espaço coletivo de experiências rituais que permeiam a produção e reprodução do corpo social.

Se por um lado a festa de agosto é testemunha do poder aglutinador do santo, que durante os dias de homenagens conduz centenas de fiéis à cidade maranhense, por outro, ela torna possível a emergência de um cenário onde os diferentes grupos envolvidos em suas atividades demarcam e legitimam experiências e práticas devocionais. Nessa perspectiva, os atores ungidos de autoridade no “tempo do festejo” são responsáveis não apenas pela organização e condução da festa, mas também pela demarcação dos espaços do sagrado e reprodução das práticas devocionais que anualmente ganham forma nos templos e ruas da cidade. Práticas e expressões de devoção agenciadas pelos devotos de São Bernardo produzem e dão corpo a um repertório simbólico e cultural que conforma as experiências populares do sagrado, proporcionando trocas e sociabilidades importantes à constituição das identidades locais e da memória coletiva no Baixo Parnaíba Maranhense.

As narrativas e práticas dos devotos, romeiros e moradores, nessa perspectiva, são reveladoras das dimensões religiosas, sociais, econômicas e culturais envolvidas na festa, sinalizando a centralidade desse período para a reprodução das experiências individuais e coletivas em São Bernardo. Experiências e falas denotam não apenas a eficácia simbólica da festa religiosa na formação espiritual e religiosa do povo bernardense, pois nos deixa entrever o espaço e o tempo do festejo como dispositivos sociais essenciais para as tessituras de pertencimentos, laços e identidades nas pequenas cidades do Brasil. Esses processos nos ajudam a compreender o recorrente envolvimento e a assídua participação das famílias locais na organização da festa e em suas diferentes atividades, pois nesse momento

diferenças e hierarquias são negociadas no mundo da religião e na seara dos profanos, possibilitando a identificação das fronteiras simbólicas e materiais que se erguem dinamicamente no espaço social.

A busca pela compreensão dos Festejos de São Bernardo revela a íntima proximidade e diálogo entre experiências religiosas e mundanas, onde se imbricam dimensões sociais, políticas, religiosas e culturais da vida social maranhense. Podemos, nessa perspectiva, conceber as festas em homenagens aos santos para além de sua dimensão propriamente cerimonial, identificando as complexas mediações entre as esferas sociais e os anseios individuais e coletivos em nossa sociedade. Como sistemas simbólicos (Geertz, 1989) os componentes religiosos atuam sobre as mentes e os comportamentos de seus devotos, (re)criando maneiras de ser e (re)definindo visões de mundo que lançam luz sobre o fenômeno da fé e sua reprodução no Maranhão.

“August at party adorns itself”: religiosity, devotional practices and symbolic representations at the Feast of St. Bernard – MA

ABSTRACT

The article aims to explore the importance and significance of Flag Mast Feasts in São Bernardo, Maranhão, for the construction of local memories, belongings and social bonds in the municipality. Held annually for ten days in August, this traditional religious manifestation of Baixo Parnaíba Maranhense constitutes a referential catalyst not only for issues related to cultural and religious heritage in the city, but also for the agency of social, cultural and political arrangements of region. The article was developed from a documentary research and field work, mainly through semi-structured interviews and ethnographic observations, and sought, on the one hand, to identify and understand the rites and practices of devotion that permeate and shape the celebrations of the patron saint and, on the other hand, reflect on the meanings of the symbolic and material repertoires of the religious festival for the reproduction of the popular experiences of the sacred and for the weaving of social belongings and the local memory.

Keywords: Festivity. Memory. Devotion. St. Bernard. Maranhão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Wagner Berno de. Terras de preto, Terras de santos, Terras de índio – uso comum e conflito. In: CASTRO, Ena e HABETTE, Jean (org). **Cadernos de NAEA/UFPA**, n. 10, 1990.

ALVES, Isidoro Maria da Silva. **O carnaval devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1980.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira. Significados do festejar, no país que “não é sério”**. Tese de doutorado apresentada ao departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), 1998.

AMARAL, José Ribeiro. **O Estado do Maranhão em 1896**. Maranhão, 1897.

ASSUNÇÃO, Matthias Rohring. Transferências de Vilas no Maranhão Oriental. **Cadernos de pesquisa**. São Luís, v.5, n.2, 1989.

_____. **De caboclos a bem-te-vis: formação do campesinato numa sociedade escravista: Maranhão, 1800 – 1850**. São Paulo: Annablume, 2015.

BARREIRA, Irllys. **Chuva de papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

_____. A expressão dos sentimentos na política. In: TEIXEIRA, C. C.; CHAVES, Christine de Alencar. **Espaços e tempos da política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de e Maria Cecília Londres Fonseca. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. **Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte**. (Tese) Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Sociologia (UFC), 2010.

COUTO, Edilece S. Devoções, festas e ritos: algumas considerações. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 1, p. 1-10, 2008.

_____. **A puxada do Mastro: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus – BA)**. Ilhéus: Editora da Universidade Livro do Mar e da Mata, 2001.

_____. **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant’Ana em Salvador (18600 - 1940)**. Salvador: EDUFBA, 2010.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: Edusp, 2013.

FREIRE, Fladney Francisco da Silva. TERCÔ: entre memórias, territórios e conflitos. **Revista Outros Tempos**, vol. 15, n. 25, 2015, p. 153 – 169.

GASPAR, Rafael Bezerra. **O eldorado dos gaúchos**: deslocamento de agricultores do Sul do país e seu estabelecimento no Leste Maranhense. (Dissertação) São Luís: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFMA), 2010.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: LTC, 1980.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas Religiosas: a materialidade da fé. **Revista História: Questões & Debates**, Vol 43, p. 73-86, 2015.

LAGO, Anderson de Carvalho. **Brejo**: aldeia dos Anapurus. São Luís: Secretaria de Cultura, 1989.

MARQUES, Cesar Augusto. **Dicionário Histórico – geográfico da Província do Maranhão**. São Luís: SUDEMA, 1970.

PAULA RIBEIRO, Francisco de. “Memórias sobre as nações gentias que presentemente habitam o Continente do Maranhão [...]”. In: RIHGB, T. III, p. 148-58, 1841.

PERES, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade**: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

SOUSA, Ronilson de Oliveira; VIANA, Keliane da Silva. Todo ano tem: o levantamento do mastro na cultura campesina maranhense. **Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR / 1º Simpósio Internacional da ABHR - USP**. Disponível em <http://www.abhr.org.br/?page_id=1568> Acesso em: 02 de outubro de 2014.

_____. Festejo de São Bernardo: memória e representação. **Anais XIII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões - ABHR**. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/418>> Acesso em: 03 de novembro de 2014.

_____. Todo ano tem: devoções, ritos e memórias no festejo de São Bernardo. **Anais do I Simpósio Regional Nordeste da Associação Brasileira de História das Religiões - ABHR**. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/?page_id=28> Acesso em: 03 de novembro de 2014.

_____. **Agosto em festa se enfeita: origens e transformações históricas no festejo de São Bernardo/MA**. Monografia apresentada ao Curso de Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão.

“Agosto em festa se enfeita”: religiosidade, práticas devocionais e representações simbólicas...

SOUZA, José Coelho de. **Os Jesuítas no Maranhão**. São Luís: Fundação Cultural do Maranhão, 1977.

VAINFAS, Ronaldo. **Brasil de todos os santos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

VIANA, Keliane da Silva. **Todo ano tem: cultura, resistência e tradição na Festa de Levantamento do Mastro em São Bernardo/MA**. (Monografia) Curso de Licenciatura em Ciências Humanas (UFMA): São Bernardo, Maranhão, 2014.

WALSH NETTO, Patrick. **CHAGAS ABERTAS, CORAÇÃO FELIZ: travessias dos pagadores de promessas de Juazeiro do Norte**. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará (UFC), 2008.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

MINIBIOGRAFIA

Ronilson de Oliveira Sousa

Mestrando no Programa de Pós Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Pará (PROFHISTÓRIA/UFPA). Licenciado em Ciências Humanas/Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de São Bernardo.

Elenir Rocha Pinto

Graduanda no Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de São Bernardo, e pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos sobre as Cidades (CITADINOS/UFMA).

Clodomir Cordeiro de Matos Júnior

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (PPGS/USP). Professor Efetivo de Sociologia (Dedicação Exclusiva) do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus São Bernardo. Coordenador do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos sobre as Cidades (CITADINOS/UFMA).